

FORMAÇÃO DOCENTE EM GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Eixo Temático 19-GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: NOVAS AMEAÇAS ENFRENTAMENTOS E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS

Douglas Paulino Barreiros ¹
Antonio Pedro Lima Junior ²

RESUMO

Revisão integrativa a respeito da formação docente em gênero e sexualidade. A pesquisa teve como objetivo levantar e analisar estudos desenvolvidos nos últimos anos. A partir de descritores e critérios de inclusão/exclusão, o trabalho resultou em onze artigos publicados entre 2018 e 2021 obtidos na base de dados do Periódico Capes. Foram identificadas cinco categorias temáticas para análise. Os resultados esclarecem que apesar de serem temas reconhecidamente importantes para o trabalho educacional, gênero e sexualidade não são priorizados nos cursos de licenciatura. Além disso, identificou barreiras impostas por grupos conservadores que desferem ataques agressivos ao que denominam “ideologia de gênero”.

Palavras-chave: Formação docente, Gênero, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Antes restrito ao sentido de coito, o termo sexualidade é redefinido como conceito abrangente, pois integra fatores biológicos, psicológicos, sociais, culturais e morais. Assim, a sexualidade se localiza no terreno das relativizações, do fortuito, do contingente e do circunstancial. Ou seja, é traço particular e se explicita diversamente em cada sujeito a partir de suas experiências de desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e psíquico (FREUD, 2019).

Por sua vez, o conceito de gênero é multifacetado extrapolando as diferenças anatômicas e biológicas englobando aspectos sociais, culturais, históricos e psicológicos. Inicialmente

¹ Doutor em Ciências (área de concentração-Educação) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, douglaspaulino@professor.educacao.sp.gov.br;

² Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP, pedrojunior@professor.educacao.sp.gov.br;



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

podemos identificar por gênero tudo que se refere a traços culturalmente compreendidos em dado momento histórico por masculino e feminino independentemente de quaisquer características físico/anatômicas (MELO; SOBREIRA, 2018).

Assim, gênero e sexualidade deixaram de se referir apenas ao binarismo homem/mulher ou masculino/feminino. Avanços nas ciências, transformações sociais e a própria complexidade humana deslocaram a questão dicotômica para a amplitude relacional das liberdades, dos afetos, dos desejos, das experimentações e da busca pelo amor e prazer (MELO; SOBREIRA, 2018). Soma-se a isso, os estudos *queer* que por seu caráter multidisciplinar compreendem sexualidade e gênero como resultantes de construções sociais sem a existência de papéis fixos ou inatos.

Essas alterações conceituais parecem não ser incorporadas à formação de docentes da educação básica conforme identificado em pesquisa recente com grupo de professoras/es que se mostraram atentas/os para a importância do tema para educação ao mesmo tempo que se sentem despreparadas/os para tratar a questão e mesmo lidar com a diversidade sexual em decorrência de sua frágil formação inicial e permanente acerca de sexualidade, gênero e diversidade (BARREIROS, 2021). Desse modo, o presente estudo se justifica pela necessidade de levantar o que se tem feito no âmbito acadêmico acerca da formação docente em gênero e sexualidade. Além de responder a uma demanda premente será fundamental, pois contribuirá com futuras discussões acerca dessa temática.

O presente trabalho objetivou fazer um levantamento e análise dos estudos nacionais recentes acerca da formação docente em gênero e sexualidade. Com isso poderá contribuir com debates acadêmicos voltados para essa temática. Para isso, consideramos importante trilhar o caminho metodológico da revisão integrativa. Esse percurso trouxe como resultado a sinalização de que gênero e sexualidade são temáticas importantes para formação docente, uma vez que atravessam todo fazer pedagógico. Constatou-se ainda, que apesar dessa realidade, pouca importância tem sido dada a questão na formação inicial e continuada. Notou-se que o silenciamento em torno desses temas decorre, sobretudo, do combate político encampado por grupos fundamentalistas conservadores que colocam a discussão no âmbito moral religioso por meio da estratégia de mobilização do pânico moral, configurando gênero e sexualidade como temáticas perigosas, pois supostamente capazes de pôr em risco os ideais da “família tradicional brasileira”. Soma-se a isso, a associação equivocada entre diversidade sexual e de gênero com imoralidade, perversão e pedofilia.

METODOLOGIA

Este é um estudo que busca fazer uma análise da literatura acerca da formação docente em gênero e sexualidade com vistas a contribuir para futuras discussões acerca dessa temática. De caráter exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa a partir do método da revisão integrativa (MENDES, SILVEIRA e GALVÃO, 2008).

A técnica de busca bibliográfica ocorreu no período de junho de 2022 na base de dados “Portal de Periódicos CAPES/MEC”. Essa escolha se deu pelo fato dela incluir artigos de todas as áreas do conhecimento, além de ser pública, gratuita e de livre acesso. Os seguintes descritores foram selecionados: “formação docente”, “gênero”, “sexualidade”. A aspiração foi selecionar artigos orientados para perspectiva de sexualidade e gênero no âmbito educacional. Foram usados os operadores *booleanos* “and” e “or” na combinação dos descritores.

Quanto aos critérios de inclusão foram empregados artigos científicos, revisados por pares, de circulação nacional, com apresentação de resumos, disponíveis na íntegra, em língua portuguesa, publicados no período de 2018 a 2021. No decorrer da seleção dos estudos, a aferição dos títulos e resumos identificados na busca inicial foi realizada pelos dois pesquisadores envolvidos no estudo. A investigação e a avaliação iniciais aconteceram de forma independente e cegada, obedecendo rigorosamente aos critérios de inclusão e exclusão definidos.

A busca inicial pelo tema “formação docente em gênero e sexualidade” totalizou 701 textos. Com nova busca a partir dos descritores foram excluídos 397. Após isso, foram excluídos outras 149 pesquisas exteriores ao campo da formação docente para educação básica. Essa triagem totalizou 155 estudos dos quais foram excluídos outros 121 por não estar disponibilizados na íntegra, restando 34 textos dos quais foram excluídos 23 por se tratar de dissertações, teses, resenhas e trabalhos de revisão de literatura. Posteriormente realizou-se a leitura analítica dos 11 estudos selecionados a partir da metodologia aplicada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As releituras dos artigos selecionados fez emergir cinco categorias temáticas de análise: 1-Reflexões acerca da infância e do trato da sexualidade na educação infantil; 2-Motivações para formação docente em gênero e sexualidade; 3-Experiências de formação docente em gênero e sexualidade; 4- Barreiras para formação docente em gênero e sexualidade; 5- Desafios para formação docente em gênero e sexualidade. Os trabalhos que apresentam discussões e resultados relacionados em mais de uma categoria foram classificados apenas naquela a qual contempla o seu tema central.

1 – Formação em gênero e sexualidade

Desde o século XIX a educação infantil brasileira segue marcada pela representação do cuidado. Também a circunscreve a divisão entre educação infantil com eixo pedagógico para crianças de famílias abastadas e centrada essencialmente no cuidado para crianças da classe trabalhadora. Nessa perspectiva, o trabalho com gênero e sexualidade ocorre centralmente a partir de conversas embasadas no conservadorismo e na representação da sexualidade como algo profano. Assim, fala-se dos genitais, por exemplo, como partes corporais feias, sujas e/ou proibidas. Não apenas isso, mas perpassam essas representações a educação para heterossexualidade compulsória. Por esse motivo, o estudo sugere uma educação libertária que tenha como escopo a diversidade de corpos, gêneros e sexualidades. Para isso, recomenda que o trato com a questão na sexualidade na educação infantil seja realizado de maneira natural, sem o viés conservador, mas acolhedor (MONTEIRO; STORTO, 2019).

2 – Motivações para formação docente em gênero e sexualidade

Guerch (2019) investiga os planos de curso das licenciaturas oferecidas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. A estudiosa aponta que por essência o ofício de mestre é um processo marcado por vivências pessoais, familiares, sociais e acadêmicas. A partir dessa concepção compreende que a formação docente em gênero e sexualidade precisa acontecer na formação inicial e para além dos posicionamentos arraigados em preconceitos, discriminações e silenciamentos.

O espaço escolar e acadêmico são por natureza locais privilegiados de convívio social e de aprendizagens. Para que seja valorizado em toda sua plenitude, faz-se necessário e urgente aprimorar a formação inicial de toda pessoa que ingressa nos cursos de licenciatura, pois serão futuras/os professoras/es. Desse modo a formação deve ser integral, plural e dinâmica (GUERCH, 2019).

3 – Experiências de formação docente em gênero e sexualidade

Gênero e sexualidade são temas complexos pois envolvem experiências e referências variadas. Assim, deveriam fazer parte da formação inicial e permanente de professoras/es, sobretudo as/os que atuam na educação infantil. Todavia, essa não parece ser a realidade nos cursos de licenciatura. A oferta de formação acerca de gênero e sexualidade, pressuposto fundamental para a consideração das expressões de gênero e sexualidade distantes dos modelos heterossexuais deveria ser priorizada. No entanto, esse tipo de formação permanece restrito ao âmbito da formação continuada, que por sua vez também se mostra precarizada (NORO; CRESPI; NÓBILE, 2019).

Sendo essa experiência escassa, quando ocorre é possível constatar sua importância, pois os participantes se sentem melhor capacitados para trabalhar sexualidade de maneira

significativa em suas práticas pedagógicas (ROSSAROLLA et.al, 2018). Isso sinaliza que a formação inicial é capaz de auxiliar para a minimização de preconceitos e estereótipos acerca de pessoas que de algum modo se afastam do padrão heterossexual. Estudar a questão para além dos moralismos religiosos ajuda as/os educadoras/es atuarem para promoção da equidade (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020).

Ainda que insuficientes, os cursos de formação continuada podem contribuir para a construção de um olhar acolhedor, rejeitando discriminações e preconceitos. Além disso, docentes que participam de cursos acerca dessa temática se mostram mais impulsionadas/os para levar esse tipo de discussão para as escolas, pois passam a compreender que esses debates enriquecem as aprendizagens (SANTOS; SOUZA, 2020).

Desse modo, os estudos analisados nesta categoria apontam que o aprendizado e formação em gênero e sexualidade para estudante de licenciatura é um valioso instrumento na constituição de sujeitos críticos. Educação que pensa as questões de gênero e sexualidade tem relevância, pois questiona o “natural” e o “comum”, alterando olhares centralizados em imagens fixas, para plurais. Todavia, para que isso de fato ocorra estão implicados desafios de expansão desse tipo de formação (CASTRO; FERRARI, 2021).

4 – Barreiras para formação docente em gênero e sexualidade

Apesar de ser reconhecidamente importante para o trabalho docente, os temas gênero e sexualidade passam por embates. Isso ocorre por meio da ação de grupos políticos conservadores que se colocam contrários ao que denominam “ideologia de gênero”. Essas contrariedades puderam ser identificadas nas discussões que ocorreram entre 2010 e 2014 em torno da votação do Plano Nacional da Educação (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018).

Assim, o debate que poderia ser formativo e emancipatório, converteu-se numa luta polarizada entre pesquisadoras/es, movimentos feminista e LGBTTQIA+ por um lado e de outro os conservadores e fundamentalistas. Vale lembrar que ambos os polos discursivos atualmente comprometidos nesse conflito fazem parte de construções histórico/culturais contingentes que embasam as discussões alicerçadas em políticas de acomodação e direção táticas no trato das diferenças (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018).

5 - Desafios para a formação docente em gênero e sexualidade

Soares e Monteiro (2019) analisaram a influência de um curso de formação docente em gênero e sexualidade no contexto escolar. Orientados por uma abordagem qualitativa, constataram que esse tipo de formação favorece o alargamento da visão docente a respeito do caráter de construção sócio-cultural das identidades sexuais e de gênero. Além disso, quando

formados em torno dessa temática, professoras/es sentem-se seguras/os para propor atividades a respeito do tema em contexto escolar.

Os estudos sinalizam que a formação inicial e continuada de docentes em gênero e sexualidade precisam ser implementadas por meio de ações internas das instituições universitárias. Revelaram que tal projeto precisa encarar a realidade educacional atravessada por condições adversas de trabalho, ausência de incentivos e entraves variados que ampliam a sensação de isolamento entre profissionais da educação básica (SOARES; MONTEIRO, 2019).

No que se refere à educação infantil, as desigualdades de gênero estão manifestas na maciça presença docente feminina em creches e pré-escolas. Isso ocorre pela concepção da infância como período da vida em que os cuidados são mais importantes que a educação. Alicerçada na concepção de que por serem mães as mulheres são melhores cuidadoras, creches e pré-escolas passam a ser percebidas como extensões do lar. Tudo isso ocasiona uma nítida separação entre cuidados na creche e educação na pré-escola. Nesse aspecto o grande desafio é superar essa dicotomia (ROVERI, 2020).

De modo geral, as análises apontam que ao se tratar da formação docente em gênero e sexualidade, pouca atenção tem sido dispensada, sobretudo no que se refere a perspectivas não-heteronormativas. Assim, o maior desafio talvez seja implementar políticas públicas de formação inicial e permanente livres das concepções místicas e fundamentalistas avançando para a perspectiva dos direitos humanos (SANTOS; SANTOS, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo explicitou o desrespeito por parte das políticas públicas educacionais quando desconsideram a importância do debate e da problematização acerca de gênero e sexualidade no âmbito educacional. Tal postura pode ser constatada na elaboração dos Planos Nacional, Estadual e Municipal de Educação, bem como da Base Nacional Comum Curricular. Por se tratar de documentos fundamentais para implementação de uma educação de boa qualidade, os mesmos deveriam ter sido discutidos a partir de bases científicas apartadas de fundamentalismos.

Contraditoriamente, foram elaborados a partir da crença de que os temas gênero e sexualidade fazem parte exclusivamente do campo da moralidade religiosa, com isso tiveram como ponto de ordenação das discussões o pânico moral da “ideologia de gênero”. Nesse processo foram desconsideradas realidades amplamente documentadas das desigualdades de gênero e sexuais que perpassam o cotidiano escolar. Transformando assim uma questão de

saúde física, mental e políticas públicas educacionais em pautas fundamentalistas e conservadoras.

O resultado desse processo é a permanência no espaço escolar das desigualdades de gênero e toda problemática dela decorrente, como a perpetuação de preconceitos e discriminações que entravam a boa qualidade educacional. Essas questões precisam ser observadas como campos de atuação de políticas públicas, mas seguem desconsideradas e dependentes da disposição individual da/o docente em enfrentar esses desafios.

Assim, o mais interessante seria uma abordagem multicultural e pluralizada onde gênero e sexualidade fossem tratados em amplitude e profundidade para além dos pressupostos biológicos centrados na fisiologia dos órgãos reprodutores, na gravidez na adolescência e na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Todas essas questões são valorosas, mas gênero e sexualidade envolvem muitos outros fatores que ultrapassam esses limites (SANTOS; SANTOS, 2019).

Espera-se que esse trabalho contribua na ampliação da difusão de estudos de gênero, sexualidade e formação docente. Acreditamos que exerça algum peso na renovação de práticas escolares, uma vez que os resultados contribuem para que sejam desestabilizados padrões pré-concebidos acerca da formação docente. Por fim, aspiramos que os resultados possam contribuir para o aprimoramento do respeito às diversidades e a garantia dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

BARREIROS, Douglas Paulino. *Representações Sociais de Docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar*. 2021. Tese. (Doutorado em Ciências – área de concentração Educação) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021.

CASTRO, Roney Polato de; FERRARI, Anderson. Currículo e formação em pedagogia: o que dizem estudantes sobre os paradoxos que marcam o trabalho com relações de gênero e sexualidades? *Revista Brasileira de Educação*, Juiz de Fora, v.26, n.1, p. 23-44, jan/jul, 2021.

FREUD, Sigmund. A vida sexual humana. In: _____. *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 186-210.

GUERCH, Cristiane Ambrós. Formação docente para a diversidade: um saber plural. *Holos*, Santa Maria, v.6, n.1, p.10-28, jan/dez, 2019.

MELO, Talita Graziela Reis; SOBREIRA, Maura Vanessa Silva. Identidade de gênero e orientação sexual: perspectivas literárias. *Temas em Saude*. João Pessoa, v.18, n.3. p.381-404, jul/dez, 2018.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, Santa Catarina, vol.17, n.4, p.189-210, jan/dez, 2008.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza; STORTO, Letícia Jovelina. Educação Infantil: uma reflexão plural da história e da sexualidade. *Revista de Estudos em Educação*, Araraquara, v.14, n.1, p. 237-252, jan/mar, 2019.

NORO, Deisi; CRESPI, Livia; NÓBILE, Márcia Finimundi. Formação docente sobre gênero e sexualidade: conhecimento, relevância e caminhos. *Pesquisa, Educação e Ciência*, Natal, v.10, n.1, p. 25-29, jan/jul, 2019.

OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos Martins de; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa. Novas tentativas de controle moral da educação: conflitos sobre gênero e sexualidade no currículo e na formação docente. *Unisinos Educação*, Recife, v.12, n. 1, p. 16-25, jan/mar, 2018.

ROSSAROLLA, Juliana Negrello et.al. A formação de educadores sexuais na licenciatura em ciências biológicas do IFRO. *Revista de Estudos em Educação*, Araraquara, v.13, n.1, p. 175-189, jan/mar, 2018.

ROVERI, Fernanda Theodoro. Gênero e diversidade na infância: desafios para a formação docente face ao retrocesso curricular. *Laplage em Revista*, Sorocaba, v.4, n.1, p.115-121, set/dez, 2018.

SANTOS, Beatriz Rodrigues Lino dos; SOUZA, Marcos Lopes de. Novos olhares sobre gênero e sexualidade: transformações advindas de um curso de formação docente. *Revista Retratos da escola*, Brasília, v.14, n.28, p.159-176, jan/abr, 2020.

SANTOS, Cristiano Figueiredo dos; SANTOS, Rosimeire Martins Regis dos. Desafios na formação docente em diversidade sexual. *Educação, Teoria e Prática*, Rio Claro, v.29, n.60, p.140-161, jan/abr, 2019.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. *Educar em Revista*, Curitiba, v.35, n.73, p.287-305, jan/fev, 2019.

VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Aparecida. A formação de futur@s professor@s de Educação Física: reflexões sobre gênero e sexualidade. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.36, n.1, p. 17-37, jan/mar, 2020.